Graciliano Ramos e João Antônio em diálogo possível

Clara Ávila Ornellas

O romance *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, publicado pela primeira vez em 1934, trata das memórias do personagem-narrador Paulo Honório, que as elabora conforme o fluxo de suas lembranças. Percorre a narrativa um teor de reflexão, às vezes de arrependimento, por ele ter centrado sua vida em busca de ascensão econômica, não dando atenção às relações humanas e tampouco à sua esposa Madalena, já falecida. Focaliza-se, entre outros aspectos, a ambição que move Paulo Honório paulatinamente na busca de seus objetivos financeiros em termos de meios legais ou ilegais que utiliza. Várias instâncias sociais são colocadas em discussão, como o papel da mulher, o tratamento violento dispensado aos empregados, as disputas políticas, o fazer literário, a educação, a volatilidade da imprensa, entre outras diretrizes que fundamentam a sociedade latifundiária.

Este texto é parte dos resultados da pesquisa de pós-doutorado *Da Escrita do Leitor à Voz do Escritor: Estudo sobre a Marginália de João Antônio* (Unesp-Assis/Fapesp, 2012).

CLARA ÁVILA ORNELLAS é doutora em Literatura Brasileira pela FFLCH-USP e autora de *João Antônio, Leitor de Lima Barreto* (Edusp).

Paulinho Perna Torta foi elaborado por João Antônio, em 1964, a convite de Ênio Silveira para compor a coletânea *Os Dez Mandamentos* (1965), na qual cada autor convidado escreveu sobre um dos mandamentos cristãos, cabendo ao escritor paulistano tratar da cobiça. À semelhança de *São Bernardo,* constitui-se de recordações do protagonista sobre sua ascensão econômica, porém, no mundo da criminalidade. Da infância pobre ao adulto bem-sucedido, narra-se o envolvimento do protagonista com o submundo da prostituição, roubo, trapaças, disputas por postos de comando no universo do crime, menos-valia feminina e opressão aos subordinados.

Um dos principais elementos, se não o principal, que revela similaridade entre *São Bernardo* e *Paulinho Perna Torta* relaciona-se ao objetivo em comum dos dois protagonistas de alcançar ou conquistar a qualquer preço o que desejam. A escalada primordial de valores desses personagens configura-os terminantemente pelo viés da cobiça.

Paulo Honório afirma que sua intenção foi adquirir a fazenda São Bernardo, o que ele consegue através de longa negociação com o proprietário, Luís Padilha. Tendo consciência de que o filho de seu antigo patrão na juventude tinha dificuldades e falta de interesse em administrar a fazenda adequadamente, Paulo busca tomar conhecimento das fragilidades de Padilha para melhor direcionar o alcance de seu principal objetivo. Ao saber do interesse de Padilha por jogos, festas e mulheres, ele encontra caminho viável para traçar o meio que mais certeiramente o levaria à conquista de seu propósito.

"Travei amizade com ele [Padilha] e em dois meses emprestei-lhe dois contos de réis, que ele sapecou depressa na orelha da sota e em folias de bacalhau e aguardente, com fêmeas ratuínas, no Pão-sem-Miolo. Vi essas maluqueiras bastante satisfeito, e quando um dia, de novo quebrado, ele me veio convidar para um S. João na fazenda, afrouxei mais quinhentos mil-réis. Ao ver a letra, fingi desprendimento:
– Para que isso? Entre nós… Formalidades.
Mas guardei o papel" (Ramos, 1964, p. 17)[1].

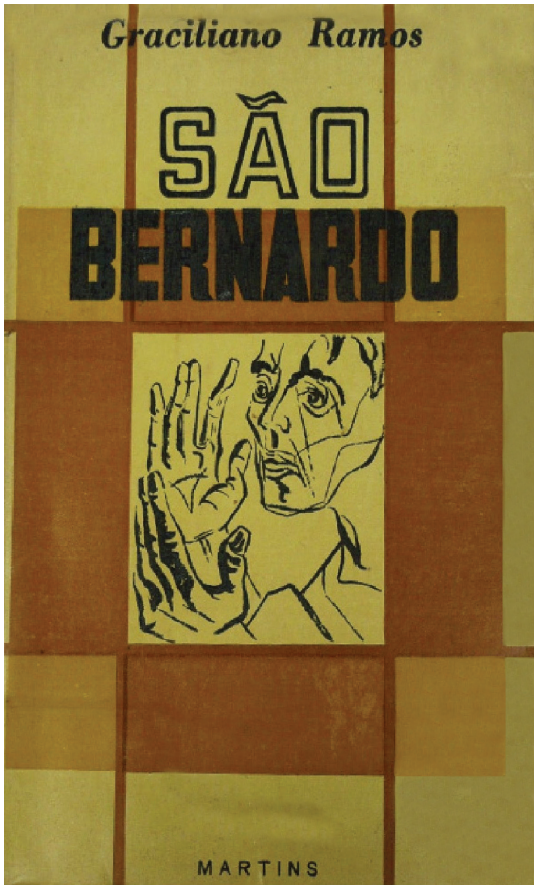
1 Daqui em diante, será informado apenas *SB* para indicar a obra.

Honório utiliza o recurso de empréstimos a Padilha como forma de enredá-lo em endividamentos que não teria condições de saldar. Amparando-se no discurso de amizade, ele consegue ludibriar Padilha a ponto de ele empenhar a fazenda como garantia de pagamento em outro empréstimo de valor ainda mais alto, quando o jovem deseja modernizar a fazenda, intuito que foi malogrado. Como era previsível, o devedor não consegue pagar as dívidas e termina por vender São Bernardo a um preço baixo em razão do desconto das notas promissórias no valor da venda.

Esse é o principal móvel da cobiça de Paulo Honório e revela características presentes também na malandragem urbana por compreender engodo e perversidade de se aproveitar das fragilidades dos "otários" para enganá-los, é claro, sempre na intenção de ganho financeiro. Contudo, há ainda a questão da invasão de terras efetuada pelo protagonista de Graciliano Ramos, que, após o assassinato de Mendonça, passa a invadir as terras não só da família desse vizinho como de outros. Como se vê, a ânsia de tornar-se proprietário da fazenda onde fora empregado não foi suficiente; após conseguir esse intuito, outros interesses passam a governar o seu instinto de cobiça. O próprio fato de tratar os empregados com violência atesta atitude similar, pois, ao ter em mente que o teto e a comida são as únicas necessidades de seus funcionários, destaca-se outro viés que também relaciona o seu caráter de explorador com o objetivo de lucro pessoal. Para ele, os seus empregados eram bichos:

"Bichos. As criaturas que me serviram durante anos eram bichos. Havia bichos domésticos, como o Padilha, bichos do mato, como Casimiro Lopes, e muitos bichos para o serviço do campo, bois mansos. Os currais que se escoram uns aos outros, lá embaixo, tinham lâmpadas elétricas. E os bezerrinhos mais taludos soletravam a cartilha e aprendiam de cor os mandamentos da lei de Deus" (*SB*, pp. 164-5).

Essa passagem é referida já quase ao final do romance, mas durante o desenvolvimento da narrativa todo o trato com os seus subordinados imbui sentido semelhante. Particularmente, Casimiro Lopes é definido o tempo todo como uma espécie de cão de guarda, responsável pela segurança do patrão: "[…]



Capa do exemplar de *São Bernado* lido por João Antonio, com ilustração de Clóvis Graciano

Gosto dele [Casimiro]. É corajoso, laça, rasteja, tem faro de cão e fidelidade de cão" (*SB*, p. 15). Esse olhar dirigido aos subalternos como animais delimita a força bruta que fundamenta o pensamento de Paulo Honório; aos empregados caberia aguentar os maus-tratos e ainda agradecer; ao patrão, desfrutar dos lucros advindos da administração da fazenda.

Todos esses elementos presentes em *São Bernardo* – cobiça, dissimulação, perversidade, fidelidade do empregado ao patrão e visão de subordinados como coisas e não pessoas – aparecem em *Paulinho Perna Torta*. Se durante a infância e o início da adolescência Paulinho lamenta a sua falta de jeito para tomar as coisas alheias – "Eu era um trouxinha que não sabia mandar o dinheiro do alheio" (Antônio, 1993, p. 13)[2] –, depois do aprendizado com seu padrinho na malandragem, Laércio Arrudão, tudo se modifica e passa a ser a principal razão de sua vida acumular capital proveniente de golpes, crimes e trapaças. A primeira vítima é Ivete, prostituta que o desvirginou e da qual tomava dinheiro, sempre valores cada vez maiores: "Arrependo-me de morder só duzentos cruzeiros. Malandro tem é que andar com muito. Tomo mais uma nota graúda" (*PPT,* p. 21). Essa exploração inicial irá se multiplicar com a sua atuação em diversos segmentos da criminalidade:

"Cobiço e tomo tudo dos outros e penso mais demorado no jeito de roubar. E vou ficando malandro dos malandros" (*PPT,* p. 44).

"Tenho o jogo nas mãos. Mas o que cobiço é o comando da putaria e da macumba" (*PPT,* p. 46).

"Cobiça raiada vai comigo. Por causa de dois braseiros da Rua dos Gusmões, apago a Colt 45, em tiroteio de rua, o cafetão Mandureba, falado cafiolo, que atravessando o meu trajeto queria me beliscar aquelas situações [sua ascensão no mundo da prostituição]" (*PPT,* p. 48).

Certifica-se, assim, como o móvel desse personagem, a razão de ser de sua vida, é tomar o que é dos outros e acumular cada vez mais dinheiro e posição de comando na esfera do submundo. Para tanto, os meios empregados estão sempre relacionados à exploração dos outros, até mesmo o uso do assassinato, perfazendo estratégias hábeis para a conquista de seus objetivos. Verifica-se, assim, a configuração de um poço sem fundo – sua sede de ascensão.

À semelhança de Paulo Honório, que depende de empregados para erguer seu patrimônio, observando-os pela ótica da animalidade, Paulinho, depois de iniciar sua trajetória no mundo da contravenção, desfaz daqueles que o ajudaram nos primeiros tempos: "Dou ao abandono as curriolas do crime à mão armada. Dispenso, esqueço Valquíria e os malandros pés-de-chinelo" (*PPT*, p. 47). Sem falar da violência física e moral contra as mulheres que lhe servem.

Em termos de dissimulação, como a encontrada no personagem de *São Bernardo,* os exemplos

2 Daqui em diante, será informado apenas *PPT* para indicar a obra.

são exaustivos na narrativa de João Antônio, pois as ações de Paulinho são fundamentadas essencialmente no movimento de enganar o próximo, desde prostitutas, otários, até outros malandros como ele mesmo, conforme as citações apresentadas sobre a cobiça. A relação dos dois Paulos com o jornalismo sedimenta outra perspectiva da dissimulação, dessa vez no contexto tanto da imprensa quanto dos protagonistas que estabelecem relações duvidosas com os jornalistas que divulgam e acentuam a importância de suas imagens no cenário social, conforme a condição de volubilidade exigir de ambos os lados.

A cobiça inerente a Paulo Honório e Paulinho possui um elemento peculiar em comum também em função da existência de alguém que faça a ponte entre seus objetivos e a sociedade. Trata-se da figura do advogado, que exerce importância fundamental na conquista de meios legais a permitir o livre trânsito de seus clientes no contexto social, independente dos juízos duvidosos envolvidos nas causas defendidas. De maneira semelhante como ocorre na relação com a imprensa mediada por suborno, os advogados trabalham, nas duas narrativas, em função do dinheiro que recebem. Se Paulo Honório praticou, como ele assegura em suas memórias, atos legais e ilegais que lhe permitiram a ascensão pretendida, isso se deveu ao trabalho de João Nogueira junto às instâncias judiciais.

"João Nogueira lembrou-se de que era homem de responsabilidades. Bacharel, mais de quarenta anos, uma calvície respeitável. Às vezes metia-se em badernas. Mas com os clientes só negócios. E a mim, que lhe dava quatro contos e oitocentos por ano para ajudar-me com leis a melhorar São Bernardo, exibia ideias corretas e algum pedantismo. Eu tratava-o por doutor: não poderia tratá-lo com familiaridade. Julgava-me superior a ele, embora possuindo menos ciência e menos manha. Até certo ponto parecia-me que as habilidades dele mereciam desprezo. Mas eram úteis […]" (*SB*, p. 41).

Assim sendo, nessa citação são colocados em evidência dois personagens habilidosos com as engrenagens da dissimulação, o advogado, por defender o interesse de seu cliente desde que tendo seus serviços pagos, e o protagonista, por se sentir superior, mas tratar convenientemente quem presta serviços de grande interesse para ele – muito diferentemente de seu trato com os empregados.

No caso de Paulinho Perna Torta, é Aniz Issara quem defende seus interesses, a custo de muito dinheiro, independente das contravenções cometidas pelo seu cliente: "Carrego cinco processos no lombo, de que o doutor Aniz Issara cuida a bom preço. Trato Aniz de você, me impondo – e ele é o maior especialista do crime em São Paulo" (*PPT,* p. 37). A mesma perspectiva da necessidade de se sentir superior (no caso de Paulinho, pelo menos como igual) prevalece no âmbito das relações dos dois personagens com quem cuida do respaldo jurídico de suas contravenções.

É necessário apontar para uma diferença entre os dois Paulos em relação à existência de intermediários. Se ambos necessitam da contrapartida de um advogado para garantir a realização de seus objetivos, eles se diferenciam quanto aos constituintes iniciais de suas imersões no parâmetro da cobiça. O que se depreende em termos do romance de Graciliano Ramos é que o personagem opta pelo caminho de tomar do alheio e acumular capital prioritariamente por uma injunção individual: ninguém, algo ou algum acontecimento o obrigou a seguir o caminho da cobiça. É claro que o contexto adverso de sua vida miserável na infância e juventude e a ausência de um seio familiar podem ter contribuído para as suas escolhas, embora esses elementos não justifiquem suas atitudes determinantemente.

Entretanto, no caso de Paulinho, como permite verificar o desenvolvimento de suas memórias, sua inclinação para a cobiça já se faz latente ainda na infância, mas ele mesmo afirma que nessa época não tinha a destreza necessária de um malandro. Somente a partir de seu convívio com Laércio Arrudão, ele vem a se tornar alguém apto a transitar e ocupar lugar de destaque no submundo. A cobiça espelha sobremaneira o pensamento e as ações de Arrudão e isso o capacita a ensinar os melhores caminhos para o jovem aprendiz da malandragem. As estratégias aprendidas com seu padrinho propiciam o necessário amadurecimento do personagem para que se torne não apenas um malandro, mas um chefe.

"O ensino de Arrudão quer o meu bem.
A ele só interessa é furtar, roubar, beliscar, morder, recolher, entortar, quebrar, tomar, estraçalhar. Laércio Arrudão me quer vivo e cobra como ele, a cobiçar e tomar todas as coisas alheias" (*PPT,* p. 33).

Em sentido figurado, poder-se-ia afirmar que contexto similar em termos de pensamento e ações apresenta-se nas memórias de Paulo Honório, mas sem a figura do padrinho. Evidencia-se na narrativa de Graciliano Ramos como o início no mundo dos negócios por parte do protagonista o ensinou a portar-se de determinada maneira para conquistar seus objetivos. A dinâmica social impõe a interação com diversas instâncias, como bancos, juros, crédito, governo, imprensa, entre outros aspectos: "Fui feliz nas primeiras tentativas e obriguei a fortuna a ser-me favorável nas seguintes" (*SB*, p. 38). Ao compreender os desvãos que sedimentam essas ingerências sociais, Paulo consegue lidar com elas da melhor maneira possível.

"O meu fito na vida foi apossar-me das terras de *São Bernardo,* construir esta casa, plantar algodão, plantar mamona, levantar a serraria e o descaroçador, introduzir nestas brenhas a pomicultura e a avicultura, adquirir um rebanho bovino regular. Tudo isso é fácil quando está terminado e embira-se em duas linhas, mas para o sujeito que vai começar, olha os quatro cantos e não tem em que se pegue, as dificuldades são terríveis" (*SB*, p. 12).

A partir do momento em que toma consciência dos meios cabíveis para transitar pelas instâncias necessárias ao bom rumo de seus negócios, ele passa a estabelecer seu lugar na sociedade nordestina. Isso ocorre a partir de suborno, intimidação, dissimulação, defesa da força política que beneficia os latifundiários, construções de obras com vistas ao reconhecimento do governo, opressão aos subordinados, entre vários outros movimentos. Trata-se de estratégias hábeis que permitem a Paulo ser temido e respeitado. Táticas iguais e variáveis podem ser depreendidas na trajetória de Paulinho, o que assoma como elementos tangíveis da proximidade de universo e de ação dos dois protagonistas estruturados, fundamentalmente, na cobiça.

Um último aspecto merece ser ressaltado. Apesar de cobiçarem o alheio e de terem muitas de suas conquistas oriundas da exploração de empregados, Paulo e Paulinho caracterizam-se pela ação concomitante do trabalho. Do início ao fim das duas narrativas, observa-se que os dois personagens trabalham arduamente para alcançar seus desejos. Paulo Honório tem as mãos calejadas da lida na fazenda e, além disso, inspeciona o trabalho de seus empregados diariamente. Paulinho Perna Torta, mesmo tendo várias prostitutas que trabalham para ele, sendo chefe de bordéis, de quadrilhas de assaltantes e de tráfico de drogas, não deixa de atuar diretamente no mundo do crime, seja cometendo assassinatos ou na vigilância expressa de seus empregados. Assim sendo, os dois protagonistas não são acomodados no sentido de, após conquistarem seus objetivos, assumir posição distanciada de seus negócios.

Um aspecto diferenciador, entretanto, pode ser localizado na questão do vestuário. Paulo Honório não indica mudar a qualidade das roupas ou da aparência após sua ascensão econômica, enquanto Paulinho ressalta essa preocupação de maneira importante:

"Passo para o partido alto. Manicuro as unhas, me ajambro com panos ingleses, fumo charuto holandês e a crônica policial comenta com destaque porque declarei, dia desses, que a minha marca é só Duc George. Holandês. E caftinar é o negócio" (*PPT,* p. 47).

Se o ato de um indivíduo se inserir em determinada formação discursiva não pode prescindir da apreensão de pressupostos básicos que fundamentam uma dada comunidade, como linguagem, código de ética (ou não ética), fidelidade, comportamento, hábitos, entre outros fatores, a vestimenta também revela esse pertencimento. Se quando criança Paulinho alude ao uso de camisa furada, no presente de suas memórias ele tem noção de que a roupa confere sinal importante de ascensão financeira em seu meio. O cenário urbano delimita distinção por meio desse aspecto paralelo. Ele não gozaria do respeito e consideração de seus pares se trajasse roupas simples e comuns. Ainda mais, a imprensa confere reverência à sua pessoa também por conta de sua elegância.

Por sua vez, Paulo Honório não modifica sua vestimenta. Além de esse aspecto não conferir importância para o personagem, soaria estranho para o seu meio social se ele atentasse para essa questão. A rusticidade de seus modos destoaria de preocupações com a aparência. Se há menção à preocupação com a sua feição exterior, essa ocorre em outro sentido, quando ele se compara a seus amigos, e se sente inferior, em razão do ciúme por Madalena:

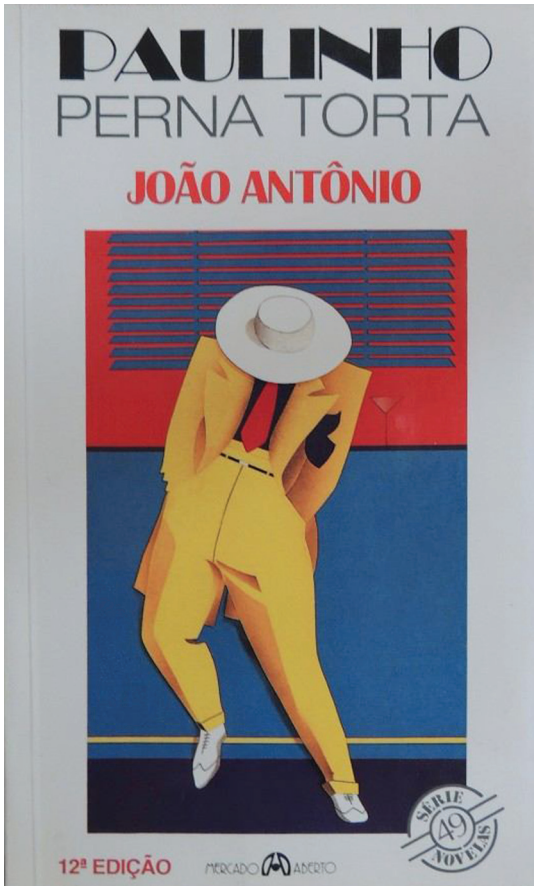
"Confio em mim. Mas exagerei os olhos bonitos do Nogueira, a roupa bem-feita, a voz insinuante. Pensei nos meus oitenta e nove quilos, neste rosto vermelho de sobrancelhas espessas. Cruzei descontente as mãos enormes, cabeludas, endurecidas em muitos anos de lavoura" (*SB*, p. 117).

Apesar de não haver demais referências a preocupações desse protagonista com a sua aparência, depreende-se que esteja subentendido o fato de Paulo Honório trajar-se à semelhança de latifundiários nordestinos (chapéu panamá, sapato de couro e terno de linho), haja vista que, assim como Paulinho, há a necessidade de ater-se ao código da vestimenta para pertencer a determinado grupo. Como a luta principal do personagem de Graciliano Ramos foi tornar-se um fazendeiro prestigiado ou temido no contexto social ao qual pertence, infere-se que ele se trajasse adequadamente. Porém, isso é apenas uma inferência, não há elementos que permitam localizar precisamente esse aspecto no romance em questão.

O principal elemento advindo da menção a roupas, no caso de Paulinho explicitamente, adequa-se à perspectiva de que essa injunção de valores imbuída nos sentidos que agregam as vestimentas decorre da proposição da cobiça como meio de vida. Naturalmente, se um sujeito consegue ascender no contexto em que vive, passa a obedecer não apenas a códigos de conduta e comportamento, mas também de vestuário. Os trajes refinados de Paulinho consolidam-se como consequência de sua trajetória em busca do espaço que almejou alcançar.

O VAZIO DE SI MESMOS

Como se vem demonstrando, há muitos aspectos em comum entre Paulo Honório e Paulinho Perna Torta, e não é diferente quando se coloca em questão a ascensão e queda de ambos. Um dos momentos mais emblemáticos do progresso conquistado por Paulo Honório assume contornos bíblicos quando o personagem é colocado em um local alto, a torre da igreja da fazenda, observando seu patrimônio. Apesar de suas reflexões serem realizadas depois de descer da torre, essas se sedimentam a partir do que ele observara estando nas alturas:



Edição da Editora Mercado Aberto para a obra de João Antônio

"Ali pelos cafus desci as escadas, bastante satisfeito. Apesar de ser indivíduo medianamente impressionável, convenci-me de que este mundo não é mau. Quinze metros acima do solo, experimentamos a vaga sensação de ter crescido quinze metros. E quando, assim agigantados, vemos rebanhos numerosos a nossos pés, plantações estirando-se por terras largas, tudo nosso, e avistamos a fumaça que se eleva das casas nossas, onde vive gente que nos teme, respeita e talvez até nos ame, porque de-

pende de nós, uma grande serenidade nos envolve. Sentimo-nos bons, sentimo-nos fortes. E se há ali perto inimigos morrendo, sejam embora inimigos de pouca monta que um moleque devasta a cacete, a convicção que temos da nossa fortaleza torna-se estável e aumenta. […] Desci, pois, as escadas em paz com Deus e com os homens […]" (*SB*, p. 142).

Essa passagem permite remissão bíblica sobre a última tentação de Jesus Cristo, quando o diabo lhe oferece os reinos terrenos em troca da adoração à sua figura. Ao que Jesus não aceita, escolhendo padecer os sofrimentos da crucificação exigidos para a elevação espiritual de toda a humanidade. A percepção de Paulo Honório possui elementos dissonantes à passagem bíblica, mas incide favoravelmente no que tange à superioridade e tentação do mundo material. Se na referência do livro cristão os parâmetros em confronto relacionam-se ao âmbito terreno *x* divino, na narrativa de Graciliano Ramos justapõe-se a dicotomia humano *x* terreno.

Diferentemente da acepção bíblica, não se coloca em questão a escolha de um caminho, mas uma trajetória já consolidada. Paulo Honório reflete sobre si mesmo e o poder que lhe é inerente a partir da observação de seu patrimônio. A sua opção clara pelo caminho do capital e a conquista do lugar que ocupa dimensionam sua visão de mundo arraigada terminantemente no mundo material. Não há espaço para o sensível e o humano. Quando se refere aos empregados, verifica-se a sua satisfação ao pensar no quanto é temido pelos trabalhadores e, mesmo os tratando como bichos, provavelmente deve ser amado por eles. Em suma, o mundo está aos seus pés. Um mundo que ele construiu para si próprio donde a paz advém do bom andamento dos negócios: rebanhos numerosos, grandes plantações e empregados a lhe servir.

É interessante notar a suspensão da primeira pessoa do singular, que caracteriza as memórias do narrador, para a utilização da primeira pessoa do plural quando vistoria do alto a sua fazenda. Essa substituição emerge como forma de o protagonista se sentir unido para além do seu universo sertanejo, à semelhança de refletir a história da humanidade na busca sempre constante de ascensão financeira e social a qualquer custo. Ele seria exemplar como tantos outros já foram ou serão futuramente. Depreende-se, então, uma vocalidade maior, em que permeia o pecado capital da cobiça inerente à história do homem a partir de um caso singular e concreto do sertão nordestino.

Outro aspecto a ser referido circunscreve-se ao fato de que, mesmo em meio ao enlevo da paz proporcionada pela visão de seu empreendimento, Paulo Honório tem consciência da existência de inimigos. Porém, como se encontra em situação de superioridade incontestável, ele pensa em seus oponentes como fracos a ponto de serem combatidos por um moleque. Nesse sentido, nada pode abalá-lo diante da intocável condição em que se vê. Assim sendo, todo o seu passado de luta com o fito de superar barreiras econômicas e sociais (agiota, banco, governo) o ajudou a solidificar "a altura" em que está. Nada o faz temer, apenas ele deve ser temido. A sua paz incide na necessária submissão dos outros e do mundo ao seu redor.

O momento que melhor explicita a conquista de um lugar reconhecido no submundo no qual está inserido Paulinho Perna Torta pode ser apreendido quando ele monta um apartamento de luxo. Condição elevada do chão, assim como Paulo Honório.

"A chegada da granuncha alta me refina. Quem conta tostões não chega a cruzeiros. Aprendo. Monto um apartamento na Avenida Rio Branco e quero de tudo. Jardim de inverno, televisão, telefone, carro e ar refrigerado.
E vou. […]
Trago meus empregados amarrados com corda curta. […]
Os jornais me pintam de tudo que teria um rei. Há a exposição de tudo quanto é pose de corpo e da cara de Paulinho duma Perna Torta. Não gosto daquela uma, sem óculos escuros, em que apareço só de camisa esporte e sem charuto na boca" (*PPT,* p. 48).

O apartamento institui a posição de vencedor conquistada por Paulinho. Se a razão de sua fortuna origina-se de transações ilegais, ao tornar-se capacitado economicamente, o personagem elege como espaço para residir o centro da capital paulistana que, entre os anos de 50 e 60, período em que se passa a narrativa, ainda era considerado região da elite. E o seu propósito de ocupar esse espaço

privilegiado é ainda mais contundente por meio do registro de suas preocupações em desfrutar do conforto da modernidade: jardim de inverno, televisão, telefone, carro e ar refrigerado. Se Paulinho tem condições de possuir esses símbolos de *status* social ambicionados pela classe dominante ou pela classe média em ascensão, isso aponta para uma transposição de espaço importante a demonstrar a linha tênue que separa o submundo da zona de inclusão socialmente estabelecida. Se para Paulinho "apenas o dinheiro interessa" no cenário da contravenção, não é diferente para a sociedade legal. Tendo dinheiro, conquista-se espaço e reconhecimento. Porém, no seu caso, a relevância de sua pessoa continua circunscrita à esfera da imprensa. Pelo menos até onde expõe a narrativa, Paulinho não chega a integrar cabalmente a esfera e o espaço por onde transita a elite; ele não se torna um incluído no real sentido do termo.

Outro aspecto relevante na citação apresentada relaciona-se à expressão "corda curta" no que tange ao trato com os seus empregados. Essa visão coaduna-se com a perspectiva percebida por Paulo Honório ao refletir sobre seus empregados, pois consolida a sempre necessária submissão dos subalternos diante de seus superiores. De opressão, exploração e violência cingem a ascensão financeira dos dois Paulos. Não fossem os seus ofícios mediados por esse tipo de barbárie, Paulinho não teria apartamento de luxo, e Paulo Honório não vislumbraria sua fazenda perfeitamente formada e em plena produção. Dividir com os outros – pressuposto terminantemente contrário à cobiça – não permitiria o acúmulo necessário para os seus objetivos.

Na última parte da citação, relativa à presença de fotos de Paulinho em jornais, por meio da alusão ao tratamento de "rei", vislumbra-se a contingência especial de sua situação. Se na maior parte das referências aos jornais presentes na narrativa destaca-se o segmento da crônica policial, no caso da passagem apresentada, essa não é colocada, contudo pode ser inferida conforme o prosseguimento da narrativa que irá retomar o viés da perseguição da imprensa à sua pessoa devido à criminalidade. O destaque às fotos em várias poses, incluindo até a observação de desagrado de Paulinho com determinada fotografia, confere a diligência dos jornalistas em retratá-lo à semelhança da coluna social, porém, certamente no contexto da página policial.

O percurso em momentos pontuais da trajetória ascendente dos dois personagens demonstra o auge de suas conquistas e, dentro do contexto das duas narrativas, aponta também para momentos reversos logo a seguir. No caso de Paulo Honório, conforme as digressões que realiza durante a narração de suas memórias, evidenciam-se algumas colocações relacionadas ao arrependimento quanto a determinadas atitudes tomadas durante a sua vida, principalmente no que tange à sua relação com Madalena. Entretanto, nos últimos capítulos de São Bernardo, configura-se de forma mais latente essa perspectiva.

"Sou um homem arrasado. […]
O que estou é velho. Cinquenta anos pelo S. Pedro. Cinquenta anos perdidos, cinquenta anos gastos sem objetivo, a maltratar-me e a maltratar os outros. […]
Sol, chuva, noites de insônia, cálculos, combinações, violências, perigos – e nem sequer me resta a ilusão de ter realizado obra proveitosa. O jardim, a horta, o pomar – abandonados; os marrecos de Pequim – mortos; o algodão, a mamona – secando. E as cercas dos vizinhos, inimigos ferozes, avançam" (*SB*, p. 164).

O declínio de Paulo Honório inicia-se a partir da morte de Madalena. Primeiro é abandonado por dona Graça e seu Ribeiro, que moravam em sua casa. Depois, Padilha e padre Silvestre seguem para lutar na revolução – que daria vitória a Getúlio Vargas. Concomitantemente, inicia-se o declínio da Fazenda São Bernardo em razão da falta de pagamento dos clientes de Paulo Honório. O bom relacionamento com os bancos, conquistado com esforço, rui a ponto de ele não obter mais empréstimos. Logo, a propriedade entra em declínio irreversível, tornando-se um contraponto diametralmente oposto à visão próspera de quando a fitou da torre da igreja.

Essa visão pessimista e contestadora a respeito de si próprio e de suas relações com o mundo configura o saldo negativo para alguém que viveu em função da cobiça. Se durante algum tempo a prosperidade e o sucesso de seus empreendimen-

tos foram correspondidos, as estratégias que Paulo Honório utilizou se voltam contra ele mesmo, demonstrando seus esforços em vão justamente naquilo que mais o orgulha, a paisagem produtiva da fazenda. E ele não mais a observa da altura da torre da igreja. Junto à propriedade em falência, falido está o protagonista na angústia da solidão e que agora reflete sobre os meios empregados para a sua ascensão econômica entre os quais se destaca a violência para com todos ao seu redor. A pontuação recorrente ao pio da coruja que aparece em muitos momentos de suas memórias parecia apontar para um desfecho negativo, como ele bem atentara em várias ocasiões.

Paulinho Perna Torta, quase ao final de suas memórias, começa a realizar exercício de contestação de si mesmo. Já instalado no apartamento de luxo, ele questiona, tão amargamente quanto Paulo Honório, sobre o vazio de sua vida e a insignificância de tudo o que conquistou. O lugar proeminente que ocupa no mundo da malandragem não o sustém interiormente.

"A gente não é ninguém, a gente nunca foi. A gente some, apagado, qualquer hora dessas, em que a polícia ou outro mais malandro nos acerte. […] A gente pensa que está subindo muito nos pontos de uma carreira, mas apenas está se chegando para mais perto do fim. E como percebo, de repente, quanto estou sozinho!" (*PPT*, p. 50).

E essa percepção advém, assim como para o personagem de Graciliano Ramos, através da constatação de como a rua está ruim para os seus negócios. Ainda que tenha dinheiro, a perseguição da polícia e da imprensa o preocupa. A constatação de que, mesmo mantendo uma posição privilegiada, só lhe resta a solidão o faz questionar sobre sua trajetória de sucesso, que pode ser suspendida a qualquer momento, seja pela polícia ou por concorrentes.

Se em *São Bernardo* emprega-se a primeira pessoa do plural no momento em que Paulo Honório observa a prosperidade da sua fazenda, verifica-se mudança do foco narrativo em *Paulinho Perna Torta* quando ele contabiliza os saldos de sua ascensão no mundo do crime. Como se observa, suspende-se a utilização da primeira pessoa do singular para a indeterminação da terceira pessoa de maneira a estender o sentido das reflexões do personagem numa perspectiva não apenas individual como global. Graciliano Ramos utiliza o plural no contexto da paz sentida pelo seu protagonista quando mira a prosperidade de sua fazenda; João Antônio modifica a voz narrativa no momento em que seu personagem sente começar a ruir o sentido, ou não sentido, de sua história de vida. O congraçamento mais universalizado do personagem para com o mundo incide por ocasião de sua consciência de vazio e solidão; na obra do escritor alagoano, semelhante injunção vocalizadora ocorre quando Paulo Honório sente-se em paz com o rumo de seus negócios.

A comiseração de Paulinho atinge tamanho patamar que ele percebe com clareza a falta de fim e de limites à sua cobiça, porém, ela nada traz de sólido para uma realização pessoal: "Eu me refinei cada vez mais, amanhã precisarei de alguma novidade […]. Precisarei de mais grana. E quando tiver, ainda assim, descontente e encabulado, irei vazio por dentro" (*PPT*, p. 54). O consumo de drogas permite que o protagonista de João Antônio permaneça levando a vida que almejou; a elaboração das memórias, o trato com as ingerências da escrita, é o caminho viável para Paulo Honório justificar-se e aliviar-se diante de si mesmo. No momento em que se encontram vivenciando suas válvulas de escape para suportarem a solidão e o arrependimento, surge, para ambos, um retrocesso até então inesperado ao considerarem a realidade pregressa de suas infâncias.

"Julgo que me desnorteei numa errada.
Se houvesse continuado a arear o tacho de cobre da velha Margarida [mulher que cuidou dele durante a infância], eu e ela teríamos uma existência quieta. Falaríamos pouco, pensaríamos pouco, e à noite, na esteira, depois do café com rapadura, rezaríamos rezas africanas, na graça de Deus.
Se não tivesse ferido o João Fagundes, se tivesse casado com a Germana, possuiria meia dúzia de cavalos, um pequeno cercado de capim, encerados, cangalhas, seria um bom almocreve. Teria crédito para comprar cem mil-réis de fazendas nas lojas da cidade e pelas quatro festas do ano a mulher e os meninos vestiriam roupa nova. Não me tormentariam preocupações excessivas, não ofenderia ninguém. E, em manhãs de

inverno, tangendo os cargueiros, dando estalos com o buranhém, de alpercatas, chapéu de ouricuri, alguns níqueis na capanga, beberia um gole de cachaça para espantar o frio e cantaria por estes caminhos, alegre como um desgraçado.
Hoje não canto nem rio" (*SB*, pp. 165-6).

"Estou com tóxico no caco e uma ideia besta me passa – talvez eu devesse ter ficado com a magrela e as namoradinhas do comércio das lojas do Bom Retiro. Ou tirado Ivete da vida. […]
Trinta e um anos, faço pelo São João. E nem Jonas, nem Ivinho Americano e nem Laércio Arrudão estarão aqui para um champanha comigo.
Tenho a impressão de que me preguei uma mentirada enorme nestes anos todos" (*PPT*, p. 55).

A saga dos dois personagens em busca de seus objetivos econômicos não permite depreender que semelhantes conjecturas pudessem aflorar. Justamente para esquecer as dificuldades do início de suas vidas, eles optam pelo caminho certeiro da cobiça e, quando conseguem o desejado, não se lembram das fases ruins. Somente o contato com a solidão os faz contrapor a validade do mundo material com o humano. O dinheiro não supre suas existências solitárias, a cobiça foi um engodo. Quando os dois personagens atentam para a importância do lado humano na vida para suprir adequadamente a relação vida e ascensão financeira, já é tarde demais; as trajetórias que percorreram não permitem retrocesso.

Contudo, embora cientes da condição problemática em que se encontram, mesmo considerando como seria a vida se se contentassem com pouco, Paulo e Paulinho sabem que não seria diferente, eles ainda preferem o rumo que tomaram:

"Mas não vou parar. Atucho-me de tóxico e me aguento. […]
Eu só posso continuar. Até que um dia desses, na crocodilagem, a polícia me dê mancada, me embosque como fez a tantos outros. E me apague.
E, nesse dia, os jornais digam que o crime perdeu um rei" (*PPT*, p. 55).

"Penso em Madalena com insistência. Se fosse possível recomeçarmos… Para que enganar-me? Se fosse possível recomeçarmos, aconteceria exatamente o que aconteceu. Não consigo modificar-me, é o que mais me aflige. […]
Creio que nem sempre fui egoísta e brutal. A profissão é que me deu qualidades tão ruins.
E a desconfiança terrível que me aponta inimigos em toda a parte!
A desconfiança é também consequência da profissão.
Foi este modo de vida que me inutilizou. Sou um aleijado. Devo ter um coração miúdo, lacunas no cérebro, nervos diferentes dos nervos dos outros homens" (*SB*, p. 167).

Se não há saída para os negócios, também inexiste solução para a condição à margem humana que ocupam. Ressalta-se a existência constante, para ambos, da figura de inimigos, a desconfiança de que outros mais espertos e mais cobiçadores que eles tomem tudo o que conseguiram. Pois ambos sabem do poder inerente à "cobiça raiada" das "profissões" que escolheram. Nota-se que Paulinho espera a morte inevitável e, ao mesmo tempo, também espera que, quando deixar de existir, a imprensa lhe preste o devido reconhecimento. Mesmo depois de morto, o protagonista de João Antônio ainda antevê uma relação com a imprensa. Paulo Honório não diz explicitamente sobre esperar a morte, mas seus enunciados finais são claros quanto ao fato de que, na verdade, ele já está morto econômica, social e humanamente. Ele sequer se vê fisicamente como um ser humano normal, tamanha é a consciência a respeito de uma vida equivocada. Para ele e para Paulinho só resta o vazio de si mesmos.

HEREDITARIEDADE LITERÁRIA

João Antônio foi leitor de Graciliano Ramos desde a adolescência. Ao tratar do escritor alagoano em suas entrevistas, deixa claro que a escrita do autor de *Angústia* serviu-lhe como base para refletir sobre o que é bom e mau em termos de produção literária. Graciliano o fez tanto ir atrás das fontes que o teriam inspirado, os clássicos das literaturas brasileira e mundial, quanto atentar para técnicas de composições que fundamentariam sua própria escrita: clareza, concisão, linguagem den-

sa, denúncia social e tendência a tematizar a margem social e os entraves sociais do Brasil.

Ao observar a marginália de João Antônio presente no exemplar de *São Bernardo,* pertencente à sua biblioteca pessoal (Cedap/Unesp-Assis), depreende-se que, ao se contrapor as entrevistas em que atesta admiração a Graciliano Ramos à intimidade de seu ato de leitura, seu pensamento e sua recepção de leitor se correlacionam. Sublinhas de palavras e expressões, traços verticais e três manuscritos trazem à tona a confirmação de sua predileção pela escrita do autor alagoano, verificada por meio de uma postura silenciosa de comprovada admiração. Assim, delineia-se uma contingência dialógica ímpar entre seus papéis de escritor e de leitor. O mesmo escritor que, no espaço social da imprensa, expressa grandes elogios à literatura de Graciliano Ramos se manifesta no ato privado ao ocupar o lugar de leitor.

Conforme atesta em entrevista, João Antônio elaborou *Paulinho Perna Torta* em 1964, mesmo ano da sétima edição de *São Bernardo* que ele leu. Não há como precisar se ele teria realizado essa leitura antes ou depois de elaborar o texto sobre Paulinho, haja vista a não indicação de data. Porém, anteriormente ao lançamento da edição pertencente à sua biblioteca, esse leitor deve ter lido o romance devido ao seu interesse constante pela produção do autor alagoano.

Além disso, *São Bernardo* foi publicado pela primeira vez em 1934, pouco antes do nascimento de João Antônio, em 1937, logo, se ele o "descobriu" durante a adolescência, certamente teve contato com a obra antes de 1964. Acredita-se que, como sua admiração expressa manteve-se até o fim de sua vida, a edição pertencente à sua biblioteca permite pressupor a condição de releitura, inclusive, o próprio fato de utilizar canetas de cores diferentes concomitantemente já permite essa constatação. Dessa maneira, defende-se aqui que o leitor/escritor certamente leu *São Bernardo* durante a adolescência e, na idade adulta, obteve o volume que viria a pertencer à sua biblioteca pessoal e o leu novamente. A propósito de sua leitura de *Caetés*, primeiro livro de Graciliano com o qual teve contato, ela foi realizada por meio de exemplar depositado em uma biblioteca da Lapa (cf. Acuio et al., 1978, p. 1). Assim sendo, a mesma instituição deveria ter entre os seus títulos o romance ora focalizado. Diante disso, salienta-se que dificilmente se pode negar que, antes de elaborar *Paulinho Perna Torta,* João Antônio tenha lido *São Bernardo*.

Segundo entrevistas, observa-se que João Antônio, assim como repórteres que o entrevistaram, afirma que Paulinho foi elaborado em 1964. Entre as características destacadas a respeito da narrativa, ascende a prerrogativa da aproximação e vivência do autor com o universo representado.

"[…] João Antônio, a convite do editor Ênio Silveira, da Civilização Brasileira, escreveu em menos de um mês (maio de 1964) a novela 'Paulinho Perna Torta', que integrou o volume de contos e novelas 'Os Dez Mandamentos', cujos dez mil exemplares hoje se encontram esgotados. Na sua simplicidade de homem acostumado com o dia a dia que, ao invés de lhe surpreender, traz-lhe constantemente novos elementos para sua criação literária que é mais um retrato do que uma invenção artificial, ele fala de 'Paulinho Perna Torta':
– Meu malandro 'Perna Torta' encaixou-se perfeitamente bem no décimo mandamento da lei de Deus, cobiçando e tomando todas as coisas alheias, de acordo com o ensinamento de seu padrinho, o mulato Laércio Arrudão, miniatura pretensiosa de gângster paulista" ("Da Mesa de Bilhar à Máquina de Escrever", s. d.).

A questão de produzir a narrativa tão rapidamente, em menos de um mês, atesta um caráter não muito comum na produção de João Antônio, que, em outras ocasiões, chegou a afirmar levar até anos para finalizar determinadas composições. Isso condiz com a inferência de que muito de Paulinho já estava interiorizado em sua mente criativa, por isso ser possível semelhante rapidez tendo em vista o seu grande nível de exigência quanto à finalização de suas criações. E nesse contexto, como foi demonstrado aqui, provavelmente o tenha auxiliado a leitura de *São Bernardo*.

Em outra entrevista, ao tratar de particularidades de *Paulinho Perna Torta,* o escritor afirma que a sua vivência da Boca do Lixo e do entorno do submundo paulistano foi fundamental para a composição do personagem.

"O Paulinho Perna Torta, ele existiu com esse nome, apenas não foi exatamente o personagem do qual me vali. Eu juntei vários Paulinhos pra fazer um Paulinho Perna Torta, mas com esse mesmo nome. […]
O que há em Paulinho é que ele é um herói, ou anti-herói, como queira, ele é um personagem inconsciente. O Paulinho vai sendo envolvido pelas coisas, envolvido, e acaba esmagando o que ele tem de melhor dentro dele, e dá apenas o que tem de pior, porque dando o pior, em termos de sociedade, o resultado é mais imediatamente lucrativo. […]
Aliás, aprendi a jogar sinuca na zona. É o cenário do Paulinho Perna Torta. A experiência do Paulinho Perna Torta foi – praticamente – toda vivida por mim. Sem aquele gangsterismo do Paulinho, claro, pois nunca cheguei a ser um marginal. […]
O meu personagem Laércio Arrudão foi tirado da zona. É o padrinho do Paulinho Perna Torta" (Quintella, 1978).

Fica explícito que, ao tratar da composição do personagem, João Antônio determina como aspecto principal da elaboração de sua narrativa a sua vivência na zona de meretrício ou Boca do Lixo, como aparece na obra. Ascende como elemento primordial em sua concepção estética a experiência com a realidade que representa. A maneira como afirma da condição de Paulinho evidenciar um sujeito oriundo do meio em que vive, a ponto de ser esmagado pela ambiência hostil que o cerca, assegura seu propósito de trazer a humanidade soterrada pela miséria urbana. Essa característica é central na obra de João Antônio, porém, no caso da narrativa em questão, ela se apresenta diferenciada porque, durante todo o desenvolvimento da narrativa – excetuando-se o período relativo à infância –, a sensibilidade do personagem só vem a ser aflorada no final de suas memórias. Considerando-se a sua declaração de que Paulinho é a soma de vários Paulinhos, pode-se argumentar que essa perspectiva poderia corresponder ao propósito de não apenas compor o personagem com referências da zona, mas também de seu universo de leitura. E, nesses termos, nada mais próximo do que o Paulo Honório de *São Bernardo*.

O percurso das duas obras demonstra uma carga de proximidade entre os dois personagens que encerra semelhanças e diferenças nada gratuitas. O primeiro aspecto a sobressair são os primeiros nomes dos personagens, Paulo e Paulinho, que guardam proporções importantes para a compreensão do caráter e das ações de ambos em gradações diferentes, entretanto, em alinhamento temático de uma justeza quase perfeita. Paulo Honório realiza suas reflexões pouco antes dos 50 anos, Paulinho faz o mesmo movimento perto de completar 31 anos. A diferença de 20 anos assegura a pertinência do diminutivo, pois, enquanto o primeiro está se aproximando de adentrar na velhice, o segundo inicia a idade madura.

O segundo aspecto incide na contingência comum de ambos contarem com a infância de miséria e a prática de vários e diversos ofícios como forma de garantir a sobrevivência. Humilhações nessa fase da vida são elementos similares nas histórias de suas vidas. Paulo Honório foi guia de cego e sobreviveu da venda de doces feitos por dona Margarida; Paulinho começou como engraxate e depois atuou em diversos ofícios, como vendedor de rapadura e de jornais, guia de cego e, acima de tudo, passou muita fome. Na adolescência, Paulo trabalhou como peão, a ganho irrisório, e Paulinho engraxou sapatos até conhecer Laércio Arrudão.

Um dos principais aspectos que estabelecem diferença explícita na condução das duas narrativas refere-se à linguagem, que, muito próxima pela utilização da gíria urbana e da expressão popular do sertão, distancia-se quanto ao registro temporal. O sertão de Paulo Honório exige uma representação circunstanciada pelo tempo social e humano desse espaço, logo, advém a necessidade de uma temporalidade mais lenta do que a encontrada em Paulinho. Nas memórias do malandro, vivenciadas em São Paulo, a metrópole ascende como determinante na concepção de uma linguagem e forma condizentes com a vida vertiginosa da modernidade. Por outro lado, ambos os narradores-personagens apresentam contundência verbal na expressão da violência do contexto onde vivem. Assim, a presença de termos de calão e de vocábulos relacionados à brutalidade do sertão e ao submundo da cidade é fator incontestavelmente caro para as enunciações de Paulo e Paulinho.

Se as técnicas composicionais e de eleição temática relacionadas a linguagem, tempo, margem

social e infância oprimida configuram características comuns entre as carpintarias literárias de João Antônio e de Graciliano Ramos, essas são vistas como elementos paralelos se consideradas diante do viés central que sedimenta as trajetórias dos protagonistas. A cobiça é o principal elemento de aproximação entre *São Bernardo e Paulinho Perna Torta*. Trata-se de seres fictícios modalizados prioritariamente pelo desejo de possuir o que é dos outros e de acumular capital infinitamente. Para tanto, ambos são conduzidos por ações ilegais, brutais e cruéis em busca de seus objetivos. O alcance de suas pretensões advém necessariamente da forma de ver o próximo como ferramenta viável para a consolidação de seus desejos. Os empregados são bichos a serem comandados com "corda curta"; se houver vacilo dos subordinados para com esses patrões, não se pensa duas vezes, são surrados, violentados ou até mesmo mortos.

Não são diferentes as posturas que Paulo e Paulinho assumem diante das mulheres. Elas são consideradas por ambos como objetos ou bichos, nada além de ferramentas funcionais para a satisfação sexual ou para o faturamento no âmbito da prostituição. Sentimentos de amor e carinho inexistem na concepção dos dois narradores. Só o dinheiro interessa. Na verdade, em termos de relações mediadas pela amizade e humanismo, os dois personagens são incapazes. A amizade limita-se a interesses bem delimitados: o advogado de Paulo Honório, por ser responsável pelos seus processos na justiça; os malandros de alta categoria, que auxiliam Paulinho na ascensão da malandragem. E todos são homens.

Se a cobiça explicita de forma mais acentuada a correlação entre as duas obras, igualmente se verifica o reverso desse pecado capital quando Paulo e Paulinho terminam suas memórias solitários e arrependidos. O vazio de si mesmos condiz como elemento de grande valor dialógico entre ambas as produções. Dessa maneira, torna-se muito difícil desdizer que Paulo Honório tenha sido um dos Paulinhos nos quais João Antônio disse ter se inspirado.

Não há como considerar gratuitas as coincidências entre as duas obras. Poder-se-ia argumentar que há outros personagens na literatura brasileira e estrangeira que assumem postura idêntica à dos dois autores focalizados. Afinal, cobiça é um termo antigo, tanto quanto a Bíblia, que a coloca como um dos mandamentos divinos que deve ser respeitado, devendo ser evitada categoricamente. Além disso, o compêndio cristão também é tido e havido como referência substancial para a composição de diversos escritores localizados em tempos, contextos e locais diversos.

João Antônio certamente teve contato com outros personagens movidos pela cobiça e criados por outros diversos e diferentes escritores. Entretanto, quando assume a condição de escritor para tratar desse tema, a sua referência literária que ascende firma-se na ótica de Graciliano Ramos, não há como negar. A sua admiração explícita pelo autor alagoano, exposta em entrevista, somada ao posicionamento silencioso de evidente respeito, admiração e exercício de carpintaria literária, presente em sua marginália em *São Bernardo,* acusa, no mínimo, um referencial básico para a composição de Paulinho, ainda mais se considerados o ano de edição do romance pertencente à sua biblioteca e o ano de produção de *Paulinho Perna Torta*.

Inclusive, semelhante vertente de pensamento permite inferir que, devido à grande admiração pelo autor alagoano, o fato de colocá-lo como referência primordial de sua descoberta da literatura e do fazer literário, e também de sua postura silenciosa em seu ato de leitura, conjuga elementos caros para o propósito de uma homenagem ao seu grande mestre da estética. Por isso, Paulinho e não Paulo.

Evidentemente, percebe-se que as interações composicionais e temáticas entre os personagens não admitem pensar em cópia pequena do grande romance *São Bernardo*. Observou-se que se trata de seres fictícios muito próximos e, ao mesmo tempo, diferentes em suas peculiaridades, pois são protagonistas erigidos em tempos e espaços distintos, por escritores diferentes e por concepções de escrita particulares.

Em carta dirigida à sua amiga Ilka Brunhilde, em 23 de setembro de 1959 – quatro anos antes do lançamento de sua coletânea de estreia *Malagueta, Perus e Bacanaço* (1963) –, João Antônio afirma que no texto "Índios" quisera realizar uma espécie de cópia do estilo de Graciliano Ramos. Sob

o seu ponto de vista, esse exercício foi negativo e improdutivo:

"'Índios' é de 1956, meu ano de influência de Graciliano Ramos. Eu lia o velho Graça de trás para adiante, de vante a ré, de cima para baixo, de baixo para cima. De todo o jeito. 'Índios' é pura estupidez. Mas ganhei com ele uma menção honrosa n'*A Cigarra*. O que foi outra estupidez" (1959).

O primeiro exercício malogrado, porém, será substituído por uma contingência de excelente qualidade, oito anos depois, com *Paulinho Perna Torta*, em que, dizendo a partir de si mesmo, do seu repertório de vida e da sua trajetória literária, ele produz sua maior homenagem a Graciliano Ramos por meio de seu repertório estético e não de uma proposição de cópia mal formulada no início da juventude. Por isso, o Paulinho é só seu. Paulo Honório não possui referências familiares. Paulinho Perna Torta nunca teve mãe ou pai. Contudo, o criador de Paulinho concedeu-lhe uma hereditariedade literária de alta linhagem.

BIBLIOGRAFIA

ACUIO, Carlos et al. "João Antônio – Olho no Olho", in *Diário Popular,* São Paulo, p. 1, 26/fev./1978.

ANTÔNIO, João. "Carta de João Antônio para Ilka Brunhilde", 23/set./1959 (Acervo João Antônio).

_____. *Paulinho Perna Torta.* 12ª ed. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1993.

"DA MESA de Bilhar à Máquina de Escrever", in *O Globo,* Rio de Janeiro, s/d (pasta 24 do Acervo João Antônio/Cedap/Unesp-Assis).

QUINTELLA, Ary. "Uma Superentrevista com João Antônio", in *A Tribuna,* Vitória, 20/ mar./1978.

RAMOS, Graciliano. *São Bernardo.* São Paulo, Martins, 1964.